

**A fábula das abelhas (1723), de Bernard Mandeville (trechos selecionados)**

«Uma grande colmeia, de abelhas repleta,  
Que viviam em luxuosidade completa,  
Porém tão famosa por leis e ação  
Quanto por copiosa população,  
Constituía o grande manancial  
Do saber científico e industrial.  
Não havia abelhas com governo melhor,  
Com mais contentamento, inconstância menor;  
Não eram escravas da tirania,  
Nem sofriam com democracia,  
Mas tinham reis, que errar não podiam,  
Pois seu poder as leis comediam.

Embora o enxame a fértil colmeia abarrotasse,  
Essa multidão fazia com que ela prosperasse;  
Milhões procuravam dar satisfação  
Mútua a sua cupidez e ostentação;  
Outros tantos entravam na lida  
Para ver sua obra destruída.  
Abasteciam o mundo com sobra,  
Mas tinham mais trabalho que mão-de-obra.  
Alguns, com pouco esforço e grande capital,  
Faziam negócios de lucro monumental;  
Outros, condenados a foices e espadas  
E a todas essas árduas empreitadas  
Em que, voluntariamente, infelizes suavam  
Para poder comer, as forças esgotavam;  
Outros ainda a mistérios estavam votados,  
Aos quais poucos aprendizes eram encaminhada  
Que não requeriam senão o impudor,  
E sem um centavo podiam se impor  
Como parasitas, gigolôs, ladrões,  
Punguistas, falsários, magos, charlatões,  
E todos os que, por inimizade  
Ao honesto labor, com sagacidade

Tiravam vantagem considerável  
Da lida do vizinho incauto e afável.  
Chamavam-nos canalhas, mas os diligentes,  
Exceto o nome, não agiam diferente.  
De todos os negócios a fraude era parte,  
Nenhuma profissão era isenta dessa arte.  
(...)

Assim, o vício em cada parte vivia,  
Mas o todo, um paraíso constituía;  
Temidos na guerra, na paz incensados,  
Pelos estrangeiros era respeitados,  
E, de riquezas e vidas abundante,  
Entre as colmeias era a preponderante.  
Tais eram as bênçãos daquele estado;  
Seus crimes tomavam-no abastado;  
E a virtude, que com a politicagem  
Aprendera bastante malandragem,  
Tomara-se, pela feliz influência,  
Amiga do vício; por consequência,  
O pior elemento em toda a multidão  
Realizava algo para o bem da nação.  
(...)

Assim, o vício fomentava o engenho  
Que, unido ao tempo e ao bom desempenho,  
Propiciava da vida as comodidades,  
Seus prazeres, confortos e facilidades,  
A tal extremo que mesmo os miseráveis  
Viviam melhor que os ricos do passado,  
E nada podia ser acrescentado.  
Como é vã dos mortais a felicidade!  
Soubessem eles da precariedade,  
E de que, cá em baixo, a perfeição  
Não pode dos deuses ser concessão,  
Teriam os animais se contentado  
Com ministros e governo instalados.  
Porém eles, a cada sobrevento,  
Como seres perdidos e sem tento,  
os políticos e as armas maldiziam,

Enquanto “Abaixo os desonestos!” rugiam.  
Os próprios defeitos podiam tolerar,  
Mas dos demais, barbaramente, nem pensar!  
(...)

A menor coisa que um erro mostrasse,  
Ou que os negócios públicos trancasse,  
E todos os velhacos gritavam aos céus:  
“Se ao menos houvesse honestidade, oh céus!”  
Mercúrio sorria ante o descaramento,  
Já outros chamavam de falta de tento  
Protestar sempre contra o mais amado.  
Mas Júpiter, de indignação tomado  
E, por fim, irritado, jurou de vez  
Livrar a colmeia da fraude. E assim fez.  
No mesmo momento em que ela partia  
De honestidade o coração se enchia;  
Tal como para Adão, se lhes revelaram  
Aqueles crimes dos quais se envergonharam,  
Que então, em silêncio, confessaram,  
E ante sua torpeza coraram,  
Como menino de mau comportamento  
Que pela cor denuncia o pensamento,  
Imaginando, ao ser olhado,  
Que os outros vêm o seu passado.  
(...)

Vede agora na colmeia renomada  
Honestidade e negócios de mão dada;  
O show terminou; foi se rapidamente,  
E mostrou se tom face bem diferente.  
Pois não apenas foram se embora  
Os que gastavam muito a toda hora,  
Como multidões, que deles dependiam,  
Para viver, forçadas, também partiam.  
Era inútil buscar outra profissão,  
Pois vaga não se achava em toda nação.  
Enquanto que orgulho e luxo minguavam,  
Gradativamente os mares deixavam,  
Não os mercadores, mas companhias.

Fábricas fechavam todos os dias.  
Artes e ofícios mortos estão.  
Ruína da indústria, a satisfação  
Faz com que apreciem o que possuem  
E nada mais cobicem ou busquem.  
Assim, poucos na colmeia ficaram,  
Nem centésima parte conservaram  
Contra os ataques de inimigos vários,  
A quem sempre enfrentavam, temerários,  
Até encontrar algum refúgio forte,  
Onde se defendiam até a morte.  
Em suas forças não houve mercenários;  
Valentemente, lutaram eles próprios.  
Sua coragem e integridade total  
Foram coroadas com a vitória final.  
Triunfaram, porém não sem azares,  
Pois as abelhas morreram aos milhares.  
Calejadas de árdua lida e exercício,  
Consideraram a comodidade um vício,  
O que aperfeiçoou sua moderação  
Tanto, que para evitar dissipação  
Instalaram se numa árvore na cavidade,  
Abençoadas com satisfação e honestidade.